

“Por que não se ri de Cristo?”

O vídeo *Jesus Christ! The musical*,
no contexto de elaboração de uma
teologia popular reflexiva

*Luiz Vadico*¹

1 Doutor em Multimeios/Instituto de Artes - UNICAMP. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo. vadico@gmail.com.

Resumo

Neste artigo se analisa três vídeos disponíveis no site YouTube: *Jesus Christ! The musical*, de Javier Prato (2007), *The greatest action story ever told*, produzido pela Mad TV (2006) e *The passion of zombie Jesus*, de Ira Hunter (2006). A finalidade é verificar que tipos de imagens de Cristo estão sendo geradas através de novas práticas narrativas, estéticas e midiáticas na contemporaneidade, e se se organiza uma imagem consistente de Cristo, observando qual a sua finalidade e validação social. Ao final, observamos a formação de uma teologia reflexiva, que seria uma contra-senha à imagem de Jesus Cristo possibilitada pela teologia tradicional de “Jesus, o cordeiro de Deus”.

Palavras-chave

Cristologia, audiovisual, cinema, gêneros, hibridismo.

Abstract

This paper analyzes three videos available on YouTube site: *Jesus Christ! The musical* by Javier Prato (2007), *The greatest action story ever told*, produced by Mad TV (2006) and *The passion of zombie Jesus*, Ira Hunter (2006). The goal is to analyze what kinds of images of Christ are being generated through new narrative practices, aesthetic and media in contemporary life, and it organizes a consistent image of Christ, observing its aim and social validation. Finally, we observed the formation of a theology reflexia, which would be a password to the image of Jesus Christ made possible by theology traditional “Jesus, the lamb of God.”

Keywords

Christology, video, cinema, genres, hybridization.

Este ensaio parte da análise de três vídeos disponíveis no site YouTube: *Jesus Christ! The musical*, de Javier Prato (2007), *The greatest action story ever told*, produzido pela Mad TV (2006) e *The passion of zombie Jesus*, de Ira Hunter (2006). A partir de alguns princípios desenvolvidos pelos teólogos Clive Marsh e William Telford, verificaremos a mensagem teológica, o público ao qual se destina, a finalidade, a imagem de Cristo gerada, a sua função e posição em relação à teologia dita tradicional. A análise central será do filme de Javier Prato. A escolha do YouTube e de vídeos feitos para a internet se deve não somente ao grande acesso do público, mas por se tratarem de novas práticas sociais para as quais têm se voltado a atenção de pesquisadores em busca de compreender este fenômeno comunicacional. De imediato, tendemos a perceber a ocorrência de produção de teologia, em grande medida espelhada na tradicional, e, portanto, reflexiva.

Iniciamos este artigo pela palavra ensaio, pois não pretendemos desenvolver uma reflexão a partir de intensa pesquisa acadêmica, mas apenas a partir da análise do produto midiático, observando as ideias teológicas que estes parecem sugerir. O que não nos isenta de críticas, mas nos isenta do desejo de participar do debate teológico tradicional, o qual respeitamos o suficiente para caminharmos à sua margem.

Isto posto, tratemos do nosso objeto: Três vídeos de curta-metragem que elaboram ou reelaboram a imagem de Jesus Cristo; nenhum deles dura mais que sete minutos, e este tempo bastante limitado não permite aos seus produtores realizarem uma Cristologia Fílmica mais elaborada, no entanto, ainda assim é possível verificar a imagem de Cristo gerada, verificar seus significados e o sentido social desta representação (VADICO, 2008, p.130).

Os três vídeos possuem propostas bastante distintas entre si, por essa razão escolhemos nos centrar em apenas um deles, não é uma escolha aleatória, está embasada num fato estatístico, porém, a análise relativamente à construção da imagem de Cristo poderia, ser realizada da mesma forma

com qualquer um deles. O mais popular entre estes vídeos é *Jesus Christ! The musical*, de Javier Prato (2007).

Prato nos mostra um Jesus Cristo, dublando a cantora Glória Gaynor, cantando o sucesso *I will survive*; através de várias imagens, Jesus parece demonstrar estar desgostoso com a sua relação com Deus e, de alguma forma, se “rebelar” deixando ver através dos seus gestos, enquanto perambula por Los Angeles, que ele é *gay*. Quando enfim, parece que Jesus “saiu do armário” e se libertou de Deus, um ônibus o atropela de forma inesperada e o vídeo termina.

O segundo vídeo a nos chamar atenção foi *The greatest action story ever told*, produzido pela Mad TV (2006), é uma narrativa em forma de *trailer* cinematográfico, que se pretende uma paródia. O seu título faz referência a *The greatest story ever told* (Stevens, 1965), conhecido filme sobre a vida de Jesus Cristo, rodado pelo cineasta George Stevens nos anos 60. Mas, a semelhança entre os filmes para aí, não há qualquer outra forma de citação estética ou narrativa que se possa encontrar entre as duas produções. Essa produção foi bastante cuidadosa com a imagem gerada de Jesus Cristo; ela se propõe como sendo engraçada, cômica, no entanto, não desrespeitosa. Neste sentido, ironicamente, ela nos fala mais do Jesus tradicional que conhecemos do que os outros vídeos.

Sua proposta é simples, é uma chamada para que assistamos ao maior filme de ação jamais realizado. Neste filme a personagem “Terminator”, faz referência ao protagonista do filme *O exterminador do futuro 2: o julgamento final / Terminator 2: the final judgement* (1992), de James Cameron, vivido pelo ator Arnold Schwarzeneger. A personagem voltou no tempo até a época de Jesus e lá faz ligeiras interferências bem ao seu estilo, ou seja, violento. No filme de James Cameron, o Exterminador, voltou ao tempo presente (anos 1990), para proteger um garoto que no futuro iria se tornar líder da resistência da luta da humanidade contra as máquinas. O robô protege o garoto a qualquer custo, simplesmente matando e eliminando toda e qualquer ameaça. O menino

se esforça para mostrar para ele que matar não é bom e nem justificável. Agora o "garoto" a ser protegido é Jesus Cristo.

O terceiro vídeo a despertar atenção foi a produção *The passion of zombie Jesus*, de Ira Hunter (2004, EUA), ela foi realizada num único plano sequência – ou seja, uma tomada direta de imagens sem cortes - para participação num concurso de Cinema Scrapshot, o seu realizador definiu o filme na página do YouTube como sendo: "Um filme bíblico blasfemo. O mais profano da história humana" (aqui gostaríamos de questionar o autor, sugerindo ao invés de 'profano' a palavra profanador, pois ficaria mais adequada às suas intenções observadas no vídeo).

Não há nenhuma motivação visível para que Jesus, no alto da cruz se transforme num Zumbi. Só poderemos especular, que para um jovem da contemporaneidade a estranha relação de ideias não seja nada impossível. O autor pode ter se inspirado no fato de que Jesus morreu, foi sepultado, e voltou, em corpo de carne, vivo ao terceiro dia. Bem, visto por olhos contemporâneos essa descrição cabe perfeitamente nos zumbis dos filmes de horror. Pessoas que são tidas como mortas e que depois se levantam de seus túmulos, mortas vivas, com seu corpo de carne apodrecendo, e saem perseguindo as demais para também torná-las zumbis (CÁNEPA, 2008, pp. 63-64).

Ora, qual a importância de se estudar estes vídeos? Qual a relevância de Jesus Cristo no montante de vídeos disponíveis no site YouTube? Quantitativamente qual o significado destes três vídeos no montante geral? Qual sua real relevância para o público? Quantas pessoas acessaram? Quantas gostam ou não gostam destas produções?

Quantificações a partir do site YouTube

Como tratamos de três vídeos, interessou-nos saber qual a quantidade de vídeos cujo assunto fosse direta ou indiretamente ligados à figura de Jesus Cristo. No entanto, não há como procurar pela imagem, mas apenas pelas

palavras chaves colocadas junto dela. Utilizamos como palavras chave o nome Jesus Cristo de diversas formas e idiomas (sem esquecer que Jesus também é um nome próprio). Relativamente aos idiomas ficamos restritos aos mais conhecidos em nosso país: português, inglês, espanhol, francês, italiano, alemão, chinês (simplificado/tradicional) e japonês. Os resultados obtidos, desde a fundação do YouTube, em fevereiro de 2005 até o nosso acesso em 18 de maio de 2012, foram os seguintes:

Jesus: 2.980.000 registros (resultados vieram em português, inglês e alemão), Jesus Cristo: 1.360.000 (em português), Cristo: 850.000 (em português); Jesus Christ, resultado: 2.630.000 (inglês), Christ: 1.110.000 (Inglês); Jesucristo: 126.000 (espanhol); Jésus-Christ: 2.690.000 (francês); Gesù Cristo: 26.800 (italiano), Gesù: 50.500 (italiano); Jesus Christus: 35.700 (alemão), Christus: 85.300 (alemão); em chinês simplificado, 耶穌基督: 32.000, em chinês tradicional, 耶穌基督: 42.200; em japonês, イエス・キリスト: 9418/05/2012

As dificuldades relativamente às essas estatísticas são muitas. Uma delas é o fato de que o site traduz e procura equivalências para a palavra buscada. Colocamos o nome em alemão no campo de busca, por exemplo, e chegam a aparecer vídeos em português. Nas buscas a campeã é a palavra Jesus, o primeiro nome é bastante semelhante em vários idiomas, além do fato de que é semelhante no inglês, o idioma internacional. Impossível, utilizando apenas o campo de busca do site YouTube, dizer quantos vídeos de fato estão lá alocados e registrados, que tratam da pessoa, do assunto ou da imagem Jesus Cristo. No entanto, como pensamos que não bastaria dizer milhares ou milhões de registros como faríamos coloquialmente, decidimos ao menos colocar os números para que se tenha uma idéia, mesmo que longínqua, do que este nome significa no buscador do YouTube, seguramente mais de 2,5 bilhões de vídeos. Em meio a estes bilhões de vídeos se encontram os nossos “três” vídeos. Cada um deles replicado, e republicado, no mínimo seis vezes cada um. Exceção feita a *Passion Zombie*, do qual foram encontradas apenas

três reproduções. As republicações são úteis, uma vez que é através delas que algumas pessoas se decidem a legendar estes vídeos, adequando-os aos seus países de origem, possibilitando um maior acesso do público local.

Tendo em vista a dificuldade com estes levantamentos, principalmente quanto a sua utilidade real no que tange à quantificação, limitamos o nosso interesse aos três vídeos originalmente enviados. Assim, graças à contagem de visitas que o site YouTube faz, sabemos qual foi o número de acessos a essas estórias. Para tanto utilizamos o período de tempo decorrido desde a fundação do YouTube em fevereiro de 2005, até o nosso acesso, em 18 de maio de 2012. Dois dos vídeos analisados foram postados em 2006, mas nenhum destes foi realizado para a vinculação na internet, apenas *Jesus Christ! The musical* foi realizado com esse fim em 2007. Logo abaixo dos vídeos há uma estatística que tenta registrar as pessoas que gostaram ou não gostaram deles. No entanto, sabemos, por experiência própria, que é possível clicar mais de uma vez, então na realidade não registra o número de pessoas, mas o número de cliques naquele item. Relativamente a estes vídeos os números ficam da seguinte forma, por antiguidade de postagem temos:

The passion of zombie Jesus (07':38"), 2004, enviado em 13/09/2006, teve 966.014 acessos. Das pessoas que acessaram, ficou registrado o fato de que elas clicaram 2.722 vezes em pessoa(s) gosta(m), e 2.590 em pessoa(s) não gosta(m), no período entre 13/09/2006 e 18/05/2012.

The Greatest Action Story Ever Told (04':56"), 2006, enviado em 12/12/2006, produzido para Mad TV, possui 971.252 acessos. Recebeu cliques, Gostam: 3.613 e Não Gostam: 173. Encontramos mais seis republicações deste mesmo vídeo com nomes diferentes. As republicações são de datas diversas, todas com milhares de acessos.

Jesus Christ! The Musical (01':04") (Javier Prato), enviado em 14/04/2007, possui 9.171.847 acessos, destes, clicaram Gostam: 26.490 e Não Gostam: 6.296.

Ocorre uma clara discrepância dos acessos recebidos por estes três vídeos. Os dois primeiros foram enviados ainda num estágio inicial do YouTube, o terceiro foi postado no momento de pleno desenvolvimento e interesse despertado pelo site, o que pode ter influenciado no seu maior número de acessos, no entanto, a discrepância, mais de oito milhões de diferença, é bastante grande, mesmo levando este fator em consideração.

Ao desejarmos quantificar o número de vídeos registrados no YouTube, o número de acessos e o número de pessoas que gostam ou não, descobrimos que saber quantos vídeos estão registrados e o número de pessoas que acessaram é uma tarefa impossível. Podemos saber apenas o que o site nos fornece: O número de vídeos registrados que respondem às palavras-chave da busca e o número de acessos. Ainda assim estes números nos são úteis, pois nos dão parâmetros.

Num primeiro momento já podemos verificar que a importância social destes três vídeos é muito relativa. Num universo de 2,5 bilhões de vídeos que respondem pela palavra chave Jesus Cristo, nossos vídeos podem ser reduzidos, mesmo replicados, a menos de vinte. Em termos numéricos eles são muito pouco significativos, e seu impacto social, no que tange à internet, pode ser praticamente irrelevante.

São três propostas bastante distintas entre si, por essa razão escolhemos nos centrar em apenas um deles, o mais popular. *Jesus Christ! The musical*, de Javier Prato (2007) é o mais popular, como foi verificado em seu número de cópias e de acessos. Antes de nossa análise, propriamente dita, uma outra questão se impõe: existe razão para se estudar uma imagem de Cristo gerada dessa forma? Há validade numa análise deste tipo?

Aqui não se trata apenas de verificar a personagem Jesus, mas sim a sua imagem resultante dos vídeos como um todo. Esta imagem é uma declaração sobre "Quem é Jesus", princípio básico que rege a Cristologia (CULLMANN, 2008, p. 19). Os trabalhos anteriores do teólogo Clive Marsh, nos fundamentam para

tratarmos a elaboração de toda e qualquer imagem audiovisual, que "falam sobre Deus" ou que traduzem "A fala de Deus" para os homens, como sendo produtos teológicos (MARSCH & ORTIZ, 1997, p. 22). Neste sentido, nenhum dos três vídeos elaborou uma imagem coincidente com as imagens ou títulos Cristológicos tradicionais, como: O Messias, o Profeta, O cordeiro de Deus, O Príncipe da Paz, O Filho do Homem, etc. No entanto, todos eles se traduziram em Cristologia Fílmica (VADICO, 2008).

A disputa pelo domínio da imagem de Jesus Cristo entre as religiões institucionalizadas e o Cinema ao longo do século XX, teve o cinema e a TV como os grandes vencedores. Através da elaboração da imagem de Cristo conforme as necessidades dos meios audiovisuais se possibilitou que, através da exploração do material fictício nos diversos filmes, Jesus fosse descolado da realidade religiosa na qual ele estava circunscrito ao longo dos séculos. Este descolamento da sua representação religiosa possibilitou que a sua imagem pudesse ser manipulada das mais diversas formas, com reações positivas ou negativas dos diferentes públicos que a receberam (VADICO, 2005). Contemporaneamente já há consciência de que uma coisa é a imagem do Jesus das religiões e outra é a sua representação pelos meios audiovisuais. A representação do Jesus dos meios audiovisuais é necessariamente dependente da imagem do Jesus religioso, enquanto o inverso nem sempre é verdadeiro.

Partamos, portanto, para a análise do vídeo *Jesus Christ Musical*, de Javier Prato. Primeiramente uma análise descritiva e técnica e em seguida uma exploração de seus significados, para só então estabelecer uma interpretação da imagem resultante.

Descrição e análise técnica do vídeo *Jesus Christ Musical*

Jesus Christ! The Musical, de Javier Prato (2007). Javier Prato, argentino radicado nos Estados Unidos (Los Angeles) é o seu realizador; atualmente produz

comerciais para a TV², o sucesso do pequeno vídeo foi utilizado para alavancar a sua carreira. O tema do filme é a homossexualidade. Prato nos mostra um Jesus Cristo dublando a cantora Glória Gaynor, cantando o sucesso *I will survive*; através de várias imagens, Jesus parece demonstrar estar desgostoso com a sua relação com Deus e, de alguma forma, se “rebela” deixando ver através dos seus gestos, enquanto perambula por Los Angeles, que ele é *gay*. Quando enfim, parece que Jesus “saiu do armário” e se libertou de Deus, um ônibus o atropela de forma inesperada e o vídeo termina.

Trata-se de uma única seqüência que pode ser dividida em 18 cenas, contando para tanto a abertura e os créditos, cujos elementos também são parte da narrativa. Da Abertura até a cena 5 o diretor jogou com um equívoco de interpretação. Ele anunciou na abertura um musical, utilizou em suas primeiras imagens um Jesus vestido da forma como se convencionou nos Filmes de Cristo, colocou-o num pano de fundo de mar em fim de tarde, sentado em meditação, isso fez parecer que ele estava na antiguidade. Ele buscou ancorar a imagem criada na mesma que existe em nosso imaginário relativo à tradição da imagem de Jesus na cultura ocidental. No entanto, em pouco tempo somos levados a perceber que ele não está lá; nas cenas 6, 7 e 8 ele já aparece em locações urbanas contemporâneas, o que nos causa estranhamento.

A partir da cena 9 ele aparecerá numa caminhada, onde desfila, ao mesmo tempo que dança e rebola como se fosse uma *drag queen*, trata-se de *Hollywood Boulevard*, ou a calçada da fama, como é mais conhecida. Ao longo do seu desfile, o que mais ficou evidente foi o espanto registrado no rosto dos circunstantes. Jesus vai, de forma jocosa, se insinuando e mexendo com a atitude das pessoas. Os cortes e as quebras de eixo aumentam relativamente de velocidade, até que no plano sequencia final, Jesus, no auge da eloquente canção é atropelado por um ônibus.

2 O site de Javier Prato pode ser acessado em: <http://www.javierprato.com/>, acessado em 13/09/2012.

A linha narrativa é conduzida pela música de Gloria Gaynor. A canção, que originalmente retrata uma mulher que deseja superar o fim de um relacionamento, é editada para que se adeque à relação de Jesus com Deus, mas ainda mantendo o seu sentido essencial: uma canção de rompimento e superação de um relacionamento. Podemos verificar isso facilmente na letra³ editada utilizada no filme:

No início eu tive medo, fiquei paralisada
Fiquei pensando que nunca conseguiria viver
Sem você ao meu lado
Mas então eu passei muitas noites
Pensando como você me fez mal
E eu me fortaleci
E eu aprendi como me arranjar

E então você reaparece do nada
Bastou eu entrar para encontrar você aqui
Com aquela aparência triste no seu rosto

(Corte na canção original)

Não foi você quem tentou me machucar com o adeus?
Você pensou que eu me rasgaria em pedaços?
Você pensou que eu deitaria e morreria?
Oh não, eu não! Eu vou sobreviver!

O que sobrou da canção transportou a idéia de um relacionamento específico para qualquer relacionamento, ou seja, ampliou as aplicações do sentido e significado da letra. O Jesus que aparece com a canção é um sujeito que se diz abandonado e frustrado com uma relação. Conhecedores que somos da história de Jesus Cristo imediatamente transportamos as suas emoções expostas pela música para a sua relação com Deus. Tendo em vista que Jesus pregou e ensinou a palavra de Deus em concernência com sua vontade, a crucificação e o sentimento de abandono por parte de Jesus no Horto das Oliveiras (Mt 28: 36-46; Mc 14: 32-42; Lc 22: 40-46), permite fazer esta relação sem grandes dificuldades.

3 Letra original e traduzida foram retiradas do site Letras.mus.br, acessado em 12/08/2012. <http://letras.mus.br/gloria-gaynor/15949/#traducao>. Por uma questão de espaço não disponibilizamos as letras, pois são facilmente acessíveis na internet.

Unindo os dados culturais de que esta é uma canção – que foi assumida pela comunidade homossexual – reconhecida como um “hino gay” e os gestos e trejeitos corporais de Jesus, a imagem que temos é a de um Jesus gay, e este é castigado por se rebelar e também por assumir a sua sexualidade. A voz na canção é a de Glória Gaynor, logo, o personagem está dublando a cantora, outra típica característica de shows que ocorrem em *boites gays*. O vídeo que se pretende um musical – quando se organiza como um videoclipe – estabelece um tom de ironia desde o seu início. O título da canção é “Eu vou sobreviver!” mas a personagem é atropelada ao final do vídeo. Não se trata tão somente de ironia, mas de castigo à sua revolta e à forma que essa revolta tomou. O castigo é perceptível pelo fim abrupto e violento do personagem.

Os aspectos cristológicos envolvidos (ou porque não se ri de Cristo)

A imagem formada e resultante é a de um Jesus Gay, no entanto a mensagem é que nem Jesus pode ser gay, pois Deus castiga a homossexualidade e a rebeldia que, dizem alguns, ela significa às leis divinas. Este é um vídeo que atrai por sua comicidade.

Rimos não de Jesus, mas da representação que dele se faz, o inusitado desta é que nos leva ao riso num primeiro momento. Num segundo momento, a estupefação das pessoas, com as quais nos identificamos através do espanto e do inusitado. E, no último momento, o castigo nos faz rir, pois é tão inesperado quanto a primeira imagem. No entanto, o castigo parece bem vindo, uma vez que se essa representação de Jesus ousou se rebelar, esta parece uma forma adequada de que as coisas continuem a ser como eram. E assim, agora rimos dele e do seu fim. Logo, dos homossexuais e de suas pretensões.

Um primeiro diálogo entre a representação de Jesus e a condição homossexual já havia ocorrido antes, ao menos no âmbito do cinema, em *Jesus Christ Superstar* (Norman Jewison, 1972). Neste filme, quando Jesus é levado para ser julgado por Herodes Antipas, a corte do rei é composta por pessoas

vestidas com estereótipos de maquiagem e indumentária gay do início dos anos 70. Os "gays" do filme rejeitam Jesus e mandam-no embora, pois este se recusava a responder as questões colocadas por estes, logo ele era insuficiente (VADICO, 2005, vol. III, p. 53). Podemos ainda recordar o filme *A paixão de Cristo* (2004), de Mel Gibson, nele pode ser vista alguma proximidade entre a figura do diabo e a da homossexualidade.

No vídeo, ocorre ambiguidade na relação apresentada entre Deus e Jesus. Ficamos na dúvida se a relação é a de filho que quer se livrar do Pai, ou se a de um ex-namorado que tivesse tido um caso com Deus. Ocorrem as duas possibilidades. É indiferente a distinção, pois nas duas Jesus aparece como sendo gay e Deus como aquele que castiga a desobediência e a homossexualidade. Numa possibilidade ele é um namorado vingativo, na outra ele é um Deus punidor.

A imagem de Jesus, a sua vestimenta e aparência, é mostrada à maneira antiga e tradicional. Não importa que tudo ao redor seja contemporâneo, suas roupas são as da sua representação típica. Então também somos avisados que este homem está fora de lugar, de um jeito ou de outro. A sua representação é arrancada do local, do tempo e da história (a Israel do século I d.c.) e jogada no lugar que elaborou as representações visuais e sonoras de Jesus Cristo, Hollywood. Este Jesus é evidentemente uma representação, ele é falso no que nos diz respeito, mas é colocado no ambiente próprio da elaboração das suas diversas representações, e enquanto representação é verdadeiro.

Então, se ele está fora de lugar, fora do seu tempo, e fora do seu discurso evangélico, podemos rir dele, mas não do Jesus dos Evangelhos, podemos rir deste, por que este não é aquele. Podemos rir do espanto das pessoas, com as quais nos identificamos, e finalmente rimos do castigo, da ousadia de uma "representação de Jesus" colocar-se como gay, e ela é castigada, da mesma forma que alguns pensam que os gays serão castigados por Deus por suas escolhas.

É estranho que o grande esforço de Jesus por assumir sua sexualidade termine num único e breve momento, sem nenhum aviso. Um colossal esmagamento, sem defesa. Na verdade, não se ri de Jesus, mas sim dos gays, pois se diz neste vídeo: “nem Jesus escaparia do castigo se ele fosse gay”.

Neste pequeno vídeo, toda a estratégia está calcada no que sentimos e conhecemos a respeito de Jesus, no entanto, sabemos que não se trata de uma provocação e nem de uma blasfêmia qualquer, por que rimos da representação e não do Jesus da fé. A única forma para que isso se tornasse algo mais delicado seria se a representação de Jesus estivesse localizada no tempo e no espaço no qual uma boa parte das pessoas o reconhecem como sendo Jesus, e que todos os seus gestos fossem representados como os espectadores desejassem que fossem os dele (sem discutir o quanto disso é real).

Um exemplo: seria perturbador, se vissemos num filme sério, Jesus caminhando com seus discípulos e inadvertidamente levasse um escorregão e caísse numa poça de lama, assim, nós provavelmente riríamos dele. Mas, aqui não se ri dele, aqui se ri em primeiro do inusitado, Jesus dublando uma música de Glória Gaynor, que não por acaso é uma espécie de “hino gay”, passada a primeira surpresa, rimos da estupefação das pessoas circundantes de Hollywood Boulevard, e num terceiro momento rimos do trágico final. Mas, em nenhum momento rimos de Jesus, rimos da representação, por que obviamente se trata de uma representação.

Uma Teologia Reflexiva

Este vídeo está fincado num inequívoco diálogo com a imagem, ou título Cristológico tradicional, “Jesus, o Cordeiro de Deus” ou “Jesus, o Servo Sofredor”. Nele, Jesus aparece como sendo o filho de Deus enviado a Terra para sofrer pelos pecados dos homens e redimi-los através do seu sacrifício na cruz. É a estória da redenção por excelência (CULLMANN, 2008, p. 75). O vídeo de Prato reflete esta imagem Cristológica como um espelho e faz sobre a

mesma uma reflexão. Ele reenvia-lhe outra imagem, oriunda da primeira, mas não dela resultante. Trata-se de uma leitura crítica, pois Deus, o personagem que menos aparece na estória, é o motivador, a causa e o definidor do fim da narrativa. De um ponto de vista plausível para um leigo, Deus abandonou Jesus no momento mais difícil e exigiu o sacrifício de um inocente em favor de pecadores. Ele cruelmente sacrificou seu próprio filho. Jesus, tanto quanto numa leitura evangélica possível, surge e se mantém como uma vítima inocente.

Alguém da nossa contemporaneidade observou em Deus uma figura dura, vingativa e inflexível, incapaz de misericórdia com alguns milhões de indivíduos homossexuais que compõe a sociedade. E o diretor faz com que se ria disso tudo. No entanto, não é contra Deus que ele fala, mas contra uma determinada teologia que elaborou e sustentou esta imagem que parece fora de lugar no mundo contemporâneo.

Note-se que esta teologia "popular" aqui dita reflexiva propõe um evidente diálogo com a teologia proposta pelas instituições religiosas. Não apenas o vídeo de Prato, mas os outros dois ligeiramente comentados no início deste trabalho não se postulam pela negação do fato teológico, mas pela apropriação das idéias dele exaradas – e por ele possibilitadas – e pelo reenvio a estas mesmas instituições e sociedade do resultado das suas reflexões, e sentimentos, quanto esta imagem estabelecida. É oportuno, na contemporaneidade, que não apenas grandes diretores hollywoodianos (e diretores ditos "autorais") estabeleçam imagens cristológicas, mas que todo aquele – e qualquer um – que desejar "falar sobre Deus" e sobre o que "Deus fala aos homens" possa fazê-lo efetivamente.

Para a nossa proposta inicial já temos uma resposta: Por que não se ri de Cristo? Porque se ri da representação proposta em oposição à representação teológica tradicional. Estas imagens cristológicas geradas nos novos produtos midiáticos funcionam como contra-senhas para as institucionais propostas, e como contra-senhas elas pedem resposta, não para o seu conteúdo, mas para o seu desconforto e mau estar com a tradição.

Referências

CÁNEPA, L. L. *Medo de quê? Uma história do horror nos filmes brasileiros*. Campinas: Unicamp, 2008 (tese de doutorado).

CULLMAN, O. *Cristologia do novo Testamento*. São Paulo: Editora Hagnos, 2008.

FERRARO, B. *Cristologia: Como compreender a vida, a prática, a morte e ressurreição de Jesus, O Cristo, Senhor, Libertador*. Campinas: Ed. Pucc-Campinas, 2000.

NACACHE, J. *O Cinema Clássico de Hollywood*. Lisboa: Edições Texto & Grafia Ltda, 2012.

MARSH, C. & ORTIZ, G. (org.). *Explorations in theology and film*. Massachusetts: Blackwell Publishers Ltd., 1997.

O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo e O Livro dos Salmos. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1974. Tradução de João Ferreira de Almeida.

TATUM, B. *Jesus at the movies: guide to the first hundred years*. Santa Rosa: Polebridge Press, 1997.

VADICO, L. *Cristologia* fílmica. Subsídios teórico-metodológicos para a análise da produção de imagens cristológicas geradas no cinema e na tv in: *Estudos de Religião*. Ano XXII no. 34, junho de 2008, São Bernardo do Campo, SP: Metodista. P. 126 – 144.

_____. *A imagem do ícone – cristologia através do cinema. Um estudo sobre a adaptação cinematográfica da vida de Jesus Cristo*. Campinas, SP: [s.n.], 2005. Unicamp/tese.

Anexo

Letra original e traduzida foram retiradas do site Letras.mus.br, acessado em 12/08/2012.

<http://letras.mus.br/gloria-gaynor/15949/#traducao>

Letra original

At first, I was afraid, I was petrified.
Kept thinkin' I could never live
Without you by my side,
But then I spent so many nights
Thinkin' how you did me wrong.
And I grew strong
And I learned how to get along.

And so you're back from outer space.
I just walked in to find you here
With that sad look upon your face.
I should've changed that stupid lock,
I should've made you leave your key,
If I had known, for just one second,
You'd be back to bother me.

Well, now go! Walk out the door!
Just turn around now,
'Cause you're not welcome anymore!
Weren't you the one
Who tried to hurt me with goodbye?
Did you think I'd crumble?
Did you think I'd lay down and die?

Oh no, not I! I will survive!
Oh, as long as I know how to love,
I know I'll stay alive!
I've got all my life to live.
I've got all my love to give.
And I'll survive! I will survive!
Hey, Hey!

It took all the strength I had
Not to fall apart
And trying hard to mend the pieces
Of my broken heart.

And I spent, oh, so many nights
Just feeling sorry for myself.

I used to cry,
But now I hold my head up high!

And you'll see me, somebody new,
I'm not that chained up little person
Still in love with you.

And so you felt like droppin' in
And just expect me to be free,
But now I'm savin' all my lovin'
For someone who's lovin' me!

Go now! Go! Walk out the door!
Just turn around now!
'Cause you're not welcome anymore!
Weren't you the one
Who tried to break me with goodbye?
Did you think I'd crumble?
Did you think I'd lay down and die?

Oh no, not I! I will survive!
Oh, as long as I know how to love
I know I'll stay alive!
I've got all my life to live.
I've got all my love to give.
And I'll survive. I will survive! Oohh..

Go now! Go! Walk out the door!
Just turn around now!
'Cause you're not welcome anymore!
Weren't you the one
Who tried to break me with goodbye?
Did you think I'd crumble?
Did you think I'd lay down and die?

Oh no, not I! I will survive!
Oh, as long as I know how to love
I know I'll stay alive!
And I've got all my life to live.
And I've got all my love to give.
And I'll survive. I will survive! I will survive!